

PRISÃO E JULGAMENTO DE PAULO

Havia más notícias aguardando Paulo em Jerusalém. Na carta aos Romanos 15:31 (escrita enquanto estava em Corinto levantando as ofertas para os crentes necessitados de Jerusalém) ele já confirma saber que a oposição seria feroz. Seu ensino em cartas como aos Gálatas e aos Romanos era muito claro: o tempo da lei tinha passado. “*O fim da lei é Cristo*”. Este ensino escrito e seus discursos ao vivo deixavam claro que Paulo cria na salvação pela fé, independentemente das obras da Lei. Por isso, judeus radicais estavam prontos a matá-lo como herege.

1. **Seu voto (21:20-26)**. Anos depois de Atos 15, ainda não havia cessado a celeuma dos judaizantes. Eles ainda se debatiam com relação à postura que os judeus deviam ter em relação à lei de Moisés. Existem assuntos que parecem fantasmas assombrando certas igrejas por décadas. Volta e meia se manifestam para atrapalhar o ambiente. Por isso, os presbíteros de Jerusalém sugeriram que Paulo demonstrasse a todos que não era contra a lei, tomando um voto ou pelo menos pagando as despesas¹⁷ com os sacrifícios de finalização do voto de nazireu dos quatro homens (v.26).

É discutível a sugestão dos irmãos e a atitude de Paulo em tentar mostrar que ele “*andava guardando a lei*” (v.24). Anos atrás, ele mesmo censurara Pedro duramente (Gl 2:11-18) por estar este tentando agir na frente dos judeus de modo diferente em relação aos gentios. Sua posição nas cartas sempre tinha sido muito firme no sentido de demonstrar que a lei era algo do passado e que não valia mais. Na tentativa de “*proceder para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus*” (I Co 9:19-21), pode ser que ele tenha exagerado na dose¹⁸. Pior ainda, a estratégia não funcionou, como mostra o final da história.

2. **Sua prisão e primeiras defesas (21:27-40 – 23:10)**. Os judeus vindos da Ásia, cegados pelo ódio, intolerância e ciúme, chegaram a Jerusalém agitando, caluniando e agredindo. Sem conhecimento dos fatos (e sem nenhum interesse em apurá-los), julgaram que Paulo tivesse levado um efésio para dentro do templo (v.29), um crime passível de morte. Sua intenção era clara: queriam matar Paulo (v.30-31). Até um comandante romano ouvia antes de punir ou de julgar (v.33-39), mas aqueles homens estavam tomados pelo fanatismo e intolerância. É sempre muito arriscado agir impulsionado pelo calor de paixões.

A primeira defesa do apóstolo é feita ainda na escadaria do templo (22:1-29) e inclui informações interessantes sobre sua origem, formação, conversão e chamado. Inteligente e articulado, Paulo lhes fala em hebraico, estabelecendo uma identificação cultural (v.2). No entanto, a menção ao seu chamado para evangelizar os gentios deixa a turba ainda mais furiosa (v.21-24). Judeus eram exclusivistas e achavam que jamais um gentio poderia ter acesso às bênçãos de Deus, salvo ao tornar-se um convertido ao judaísmo. A ideia de levar uma mensagem de graça, um Evangelho que não dependia das obras, cerimônias e exigências da Lei mosaica, causava arrepios nos fanáticos religiosos judeus. Paulo sabia disso, mas não queria furtar-se à verdade de sua missão.

Para os romanos, este assunto não tinha qualquer importância. A preocupação do comandante (21:37-39) e do centurião (22:24-29) era com a ordem cívica. Eles queriam saber se Paulo estava

¹⁷ O texto não deixa claro que tipo de voto era aquele proposto nesta ocasião nem tampouco é taxativo se Paulo efetivamente participou dele ou se apenas pagou as despesas daqueles homens (v.21:24). Em outro momento, ele havia tomado um voto de nazireu (18:18).

¹⁸ Embora seja sempre muito complicado sugerir que um Apóstolo tenha se equivocado, parece ter sido o caso neste episódio. Como diz William MacDonald, “*tendemos a concordar com esta crítica [de que Paulo tenha se equivocado], mas também sentimos que é preciso ter cuidado ao se julgar os motivos do apóstolo*” (Believer’s Bible Commentary – New Testament).

envolvido em alguma revolta política. Por isso, o apóstolo evoca seus direitos civis: um cidadão romano não podia ser condenado ou açoitado sem julgamento (v.25-29). Ele não poderia ser preso naquelas circunstâncias, de acordo com o direito romano. Ao perceber que se tratava de uma demanda religiosa, o comandante encaminha o caso para o Sinédrio (v.30), o tribunal religioso judaico que tinha competência delegada por Roma para julgar nessas situações.

No dia seguinte, perante o **Sinédrio** (22:30-23:10), com perspicácia, joga os fariseus contra os saduceus e cria uma enorme polêmica entre eles, que inviabilizou seu próprio julgamento (v.6-10) pela corte judaica. Os judeus estavam muito mal resolvidos e continuavam cheios de rixas internas. Com sua sagacidade, Paulo expõe as mazelas de uma classe religiosa que vivia ainda às voltas com suas próprias dúvidas e contradições, às quais ele próprio vivera preso antes de “*conhecer a Cristo e o poder de sua ressurreição*” (Filipenses 3:10).

- 3. A audiência perante Félix (23:11-24:27).** O Senhor mais uma vez aparece ao apóstolo em momento crítico para lhe dar “*Coragem!*” (v.11). Este encontro infunde em Paulo a garantia de que ele vai chegar a Roma. Uma conspirata de mais de 40 judeus é descoberta por seu sobrinho (v.12-16) e Paulo acaba transferido pelo comandante Cláudio Lísias (v.26) para Cesaréia, sob forte esquema de segurança (v.23-24; 31-33) para ser ouvido pelo governador Félix.

Os judeus acusadores descem a Cesaréia com o sumo-sacerdote Ananias e com Tértulo, um advogado de acusação (24:1-9). Paulo se defende brevemente (v.10-21), negando as acusações de sedição e ofensas ao templo, mas confirmando ser membro do “Caminho”. Seu argumento era que, embora fosse de fato um cristão, o Cristianismo que vivia e pregava não era uma negação da lei e dos profetas (v.14), mas a concretização de tudo o que eles tinham escrito e ensinado. É importante observar que Paulo e os demais apóstolos nunca deixavam de inserir em suas falas a questão da ressurreição (v.15, 21), porque este tema remetia sempre à ressurreição de Jesus, fato essencial na mensagem do Evangelho.

Félix é colocado diante da mesma situação que Pilatos estivera no julgamento de Jesus. Ele sabia que Paulo não era culpado, mas não queria inocentá-lo por temer a reação dos judeus. Assim, usa o recurso de ganhar tempo, adiando a audiência (v.22). Paulo é mantido preso por dois anos em Cesaréia, numa prisão com alguns privilégios (v.23). Durante este tempo, esperando receber algum suborno (v.26) Félix chama Paulo para conversar sobre assuntos espirituais diversas vezes (v.24-27). Seu interesse não era no Evangelho que Paulo pregava, mas na vantagem financeira que esperava obter.

- 4. A audiência perante Festo (25:1-12).** Durante o tempo que Paulo ficou preso em Cesareia aguardando julgamento, Félix foi deposto do cargo e substituído por Pórcio Festo. Logo ao assumir o governo, Festo visita Jerusalém e é cobrado pelos judeus a respeito da situação de Paulo (v.1-5). Convoca os acusadores para prosseguir o julgamento paralisado, propõe a Paulo que seu julgamento prossiga em Jerusalém (v.6-9). Paulo, percebendo o quanto isto lhe seria desvantajoso, porque até mesmo a viagem seria arriscada (v.3), apela para César (v.10-12). Esta decisão vai fazer toda a diferença para o desfecho do livro de Atos.

Toda esta situação está estabelecida por duas razões: a primeira é a intolerância e o ódio dos judeus incrédulos contra Cristo e os seus seguidores, ódio este que fora nutrido e extravasado pelo próprio Paulo antes de sua conversão. A segunda é a subserviência dos judeus a Roma, decorrente do seu afastamento de Deus. Como nação, eles não tinham autonomia jurídica para decidir sobre

casos de pena capital (como a que queriam agora impor a Paulo).

- 5. A audiência perante Agripa (25:13-26:32).** A exposição que Festo faz a Agripa sobre o caso de Paulo é, no mínimo, curiosa (v.13-22). Tão absorto nas questões políticas, para ele Jesus era apenas “*um morto a quem Paulo afirma estar vivo*” (v.19). Um tanto contraditório, Festo confirma seu juízo de que Paulo era inocente (v.25), mas que não o havia soltado por causa da apelação para César. Ele nem sabia o que colocar como acusação na carta que encaminharia o prisioneiro ao imperador Nero (v.26-27).

Embora Paulo não fosse obrigado a dizer nada ao rei Agripa, uma vez que seu caso seria julgado diretamente pelo imperador, ele vê mais uma oportunidade de testemunhar de sua fé a um governador importante e não vai perdê-la.

Ao fazer sua nova defesa, Paulo profere um discurso parecido com o que fizera dois anos antes na escadaria do templo em Jerusalém. Fala de sua vida, seu zelo judaico, seus atos de perseguição contra os cristãos, sua conversão e sua missão e finaliza fazendo uma conexão entre as profecias do Velho Testamento e o Senhor Jesus (26:2-23). A reação de Agripa é de uma “quase conversão” (v.28). Como isto não existe, o rei perdeu a grande oportunidade de sua vida de ser salvo de verdade. Ele estava convencido de que Paulo dizia a verdade, não apenas como prisioneiro, mas como servo de Deus. Este Agripa era filho do Herodes que mandou matar a Tiago (At 12) e conhecia muito bem a história da igreja até aquele momento.

Fica claro para os governadores romanos que não havia acusação sustentável sequer para manter o homem preso (26:30-32). Paulo sabia disso, mas estava em jogo mais do que a sua liberdade: ele queria ter a oportunidade de testemunhar em Roma e estaria mais seguro preso e guardado pela guarda romana do que exposto à fúria dos seus compatriotas.

Rumo à sua missão de vida

Assim, Paulo dá início a uma nova fase do seu ministério: “*ser testemunha diante dos gentios e reis*” (Atos 9:24). Certo que não era nas condições que Paulo gostaria de estar (26:29), mas para ele o que importava era a chance de tornar Cristo conhecido dessas autoridades. Em cada uma das audiências, o interesse de Paulo não é livrar-se das falsas acusações que lhe fizeram seus compatriotas, mas apresentar-se como servo de Deus, cujo propósito de vida era evidente: falar de Cristo, sua morte e ressurreição, bem como da necessidade de arrependimento e fé para a salvação.